
Ativistas Midiáticos do Rádio: caracterização das participações ao vivo no radiojornalismo guarapuavano

Luãn José Vaz Chagas

Acadêmico do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo - Universidade Estadual de Ponta Grossa

Carlos Willians Jaques Moraes

Docente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo - Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

O artigo tem por objetivo caracterizar os participantes de três programas de rádio em Guarapuava que recebem ligações ao vivo registrando reclamações, reivindicações e pedidos comunitários. Trata-se de caracterizar as formas de apropriação da mídia pelos ouvintes que participam e o respectivo pertencimento a grupos, comunidades e bairros. Trata-se de empregadas, presidentes de associações comunitárias, trabalhadores que operam como ativistas midiáticos quando entram em contato com as mídias, num movimento de cumplicidade. Eles operam como mediadores, com uma linguagem própria, carregada do conhecimento acerca da sua realidade e passam de meros consumidores à protagonistas da sociedade midiaticizada.

Palavras-chave: Radiojornalismo. Participação. Folkcomunicação. Ativismo Midiático. Esfera Pública.

Introdução

A convivência diária entre os cidadãos e os meios de comunicação de massa está cada vez mais consolidada em nossa sociedade. O ato de ouvir rádio, assistir à TV, ler um jornal ou uma revista e ter tudo isso na internet, na tela do computador ou do smartphone é uma constatação de uma sociedade midiaticizada, em que a globalização e o ambiente cultural são envolvidos pela mídia. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar essa realidade aliada ao dia a dia de diversas pessoas na cidade de Guarapuava, interior do Paraná.

A análise será realizada com a intenção de descobrir como se dá o ativismo midiático dos ouvintes de três emissoras de radiodifusão de Guarapuava, que em seus programas jornalísticos abrem os microfones para a participação popular. Em sua maioria, as pessoas ligam fazendo reclamações, pedindo ajuda e até mesmo corroborando, como cúmplices, com a visão do radialista ou jornalista que esta à frente dos programas.

Com o foco na indissociabilidade entre cultura da mídia, a cultura popular e a mediação enquanto possibilidade de uma ou mais partes no processo de comunicação, partimos do significado de ativista midiático, que segundo Trigueiro (2008), age motivado pelos interesses ao seu redor e estabelece uma relação com as mídias como um fator de favorecimento à sua comunidade ou região.

O ativista midiático do sistema folkcomunicação, aqui observado e analisado, é o que opera nos grupos de referência da comunidade nos espaços rurais, urbanos e rurbanos, nas diferentes práticas sociais, como encadeador de transformações culturais para uma renovada ordem social, nos lugares onde se dão as interações mediadas de conveniências entre o local e o global, nos espaços da casa e da rua, melhor dizendo, no seu ambiente de vivência, de aprendizado que potencializa os seus produtos culturais nos meios de comunicação. (TRIGUEIRO, 2008, p. 48)

Ativistas que estão ligados diretamente a que autores como Luiz Beltrão definem como a Folkcomunicação, veem as mensagens midiáticas de acordo com a sua realidade. Segundo Barros (2013), Beltrão é tomado pela curiosidade sobre a recepção de indivíduos analfabetos e que são informados todos os dias pelos meios de comunicação de massa e que possuem a facilidade do acesso a uma leitura a partir dos códigos do seu cotidiano.

Marques de Melo (2011) descreve nos três elementos básicos do processo comunicacional na perspectiva de Beltrão, a tradição, o anonimato e a continuidade, a análise sobre a perspectiva do folclore e a comunicação, enquanto junção cultural e forma de transmissão das mensagens midiáticas.

Entre os meios de comunicação e a realidade local, a cultura da mídia e a cultura popular dos guarapuavanos está a presença do radiojornalismo, com suas características e linguagens. A análise e caracterização dos participantes enquanto ativistas midiáticos se dará com as participações nos programas “A Cidade Fala”, da Rádio 92 FM, “Lobo Notícias”, da Cacique AM 760 e “Combate”, da Difusora AM 1250, todas de Guarapuava, nos dias 1, 2 e 3 de julho de 2014. As datas foram escolhidas pelo momento pós convenções partidárias que definiram os nomes dos candidatos que participaram do pleito eleitoral de 2014, momento este em que se trabalha com a hipótese de que a população tende a intensificar as reivindicações sociais.

Os caminhos da Folkcomunicação

Em sua tese de doutorado, defendida em 1967, depois republicada como livro por duas editoras, Luiz Beltrão define a Folkcomunicação como “processo

de intercâmbio de informações e manifestação de opinião, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001). Essa definição traz à luz os diversos processos de mediação do cotidiano popular, do “conjunto de procedimentos” e possibilidades que a cultura de uma população rural, urbana ou até como Trigueiro (2008) denomina de rurbana, vai se apropriar e decodificar esses fluxos das narrativas midiáticas.

O autor afirma que no processo da Folkcomunicação, “a mensagem é estruturada artesanalmente”, ou seja, dirigida a determinados públicos e voltadas a grupos específicos em nossa sociedade com uma percepção e aceitação por parte do público que passa diretamente pelos operadores de um novo estilo de comunicação (TRIGUEIRO, 2008).

Marques de Melo (2011) destaca a fronteira entre os meios de comunicação de massa e a comunicação popular, e caracteriza Folkcomunicação na perspectiva de Beltrão, enquanto a “utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural”. O autor também afirma que Beltrão vai além do processo do pensamento já abordado em Lazzarsfeld, que trata dos líderes de opinião, ao destacar a influência coletiva nas comunidades que os agentes folkmidiáticos podem exercer.

A folkcomunicação passa a estudar as brechas deixadas de lado pelos investigadores de comunicação, que até então ignoravam ou não tinham percebido a função dos comunicadores folk nas redes de comunicação cotidiana – interpessoais – como decodificadores de certos fluxos de mensagens dos meios massivos e o papel desses agentes culturais na apropriação, decodificação e incorporação das narrativas midiáticas para um nível e maior alcance e compreensão da audiência popular. (TRIGUEIRO, 2008, p. 35)

Relacionando com os estudos da Teoria da Folkcomunicação, as discussões passam dos conceitos de cultura popular para o folclore e a aplicação nos objetos e contextos de pesquisa. A apropriação de um meio de massa como o rádio e sua produção jornalística, por parte de setores populares para reivindicar ações e políticas públicas para o bairro onde está colocado, pode ser visto como um processo de interação entre os comunicadores folk, as atitudes de uma massa e a manifestação de suas opiniões do meio diante de acontecimentos locais. Para o autor,

Nos estudos de folkcomunicação são evidenciadas as novas características resultantes do hibridismo e da midiaticização da cultura. As manifestações em suas novas configurações, os códigos novos, os elementos atualizados e a sua resignificação são os que interessam ao campo da folkcomunicação. As comunidades as margens do contexto comunicacional hegemônico e globalizado se comunicam de maneiras singulares, mas vão de tempos em tempos incluindo elementos desterritorializados. (SCHIMIDT, 2007, p. 36)

Ou seja, há uma forma local de leitura e apropriação do conteúdo que o jornalismo e a mídia em geral expõem no seu dia a dia. Essa apropriação passa por conceitos defendidos por Jesus Martín-Barbero, ao definir um novo campo de estudos que passa da lógica de produção de usos entre emissores e destinatários para aspectos centrais na recepção midiática. O exemplo dado é a televisão que passa de um produto visto tecnologicamente para as mediações culturais e seu uso social. Essas mediações, segundo o autor, se dão por três situações: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Entre essas aproximações, a lógica de produção e usos, Martín-Barbero (2009) aponta para um reconhecimento de que os gêneros radiofônicos, aqui pensando enquanto estratégias textuais, são reconhecidos não somente pelos emissores, mas também pelos receptores. Para ele,

Enquanto estratégias de interação, isto é, “modos em que se fazem reconhecíveis e organizam a competência comunicativa, os emissores e os destinatários”, os gêneros não podem ser estudados sem uma redefinição da própria concepção que se teve de comunicação. Pois seu funcionamento nos coloca diante do fato de que a competência textual narrativa, não se acha apenas presente, não é unicamente condição da emissão, mas também da recepção. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 304)

Nesse reconhecimento do emissor nos encontramos diretamente relacionados ao objeto de nossa pesquisa, os comunicadores folk ou ativistas midiáticos do rádio em Guarapuava. Antes de uma caracterização e a análise das participações ao vivo por telefone nos três programas populares de radiojornalismo, é necessário situar o conceito. Segundo Trigueiro (2008), o ativista midiático ou líder de opinião e comunicador folk está conectado diretamente à sua realidade local e exerce o papel fundamental de ligar essa situação, os anseios de sua comunidade com o que acontece globalmente.

Esse ativista é o que opera nestas redes e comunidades com diferentes práticas sociais focado nos interesses de sua comunidade, de seu bairro, de seu grupo social, e pode ser tanto aquele que produz o seu próprio meio de se comunicar como cordel ou então participa, “quase sem o reconhecimento de seus proprietários”, dos meios de comunicação de massa como um agente divulgador de suas ações ou reivindicações.

Nossa perspectiva ao estudar as estratégias utilizadas para a inserção dos participantes na esfera pública é ir além de definir como uma audiência ativa, mas sim que reconhece a sua realidade e utiliza desses espaços como uma chance de mostrar o que passa na sua realidade local. Nesse sentido,

O ativista midiático é um protagonista nos processos de mediações, entre o local e global, realizados nos diferentes espaços públicos e privados que constituem a vida cotidiana do seu grupo social, não se satisfaz apenas em estar atualizado com os acontecimentos midiáticos, mas seus ativismos ressaltam na apropriação, na objetivação, na incorporação e na conversão dos conteúdos midiáticos, para o uso e consumo do seu grupo de convivência sociocultural. (TRIGUEIRO, 2008, p. 46)

Uma das funções desse líder de opinião, ativista midiático ou comunicador folk é o da mediação entre o que é transmitido pelas mídias e suas comunidades locais, pela sua expressão, pela sua participação e difusão de suas opiniões em determinadas comunidades. Mediação para o restante do grupo que pode ser realizada no expressar-se de acordo com a sua linguagem, o que favorece um entendimento na decodificação dessas mensagens aos pares do seu grupo, bairro ou realidade social, ou seja, a própria linguagem do comunicador folk ou ativista midiático lhe dá um caráter de intérprete das mensagens da mídia, que estimulam a participação social ou até mesmo a revolta quanto às atitudes de um determinado governo. (CERVI, 2007)

O ativista midiático opera no sistema de diferentes formas, ligando para a emissora e participando, reivindicando um atendimento melhor no posto de saúde, uma escola melhor para a comunidade e até mesmo o fim da repressão policial contra os filhos na

periferia. Essa estratégia que Trigueiro (2008) destaca como jogos de interesses presentes no diálogo entre a comunidade e a mídia local, regional e global. Segundo o autor, essas relações não se dão somente pelo motivo da resistência, do diálogo entre indivíduos e elite politizada, mas também pela cumplicidade.

No caso aqui estudado, o ativista midiático é aquele sertanista no sentido de desbravador de novas ideias, que tem domínio de diversos conhecimentos; é sagaz, astuto; e vem como quem não quer nada, mas termina conseguindo quase tudo (...). Esses protagonistas, de vez em quando, estão na TV, nos programas tipo Gugas, Fanstões, Cidades Alerta e Brasis Urgentes e Márcias, e, constantemente nos programas de rádio ao vivo nos estúdios ou por telefone reclamando, solicitando apoio ou recolocando o seu produto cultural tradicional nas redes eletrônicas de comunicação. (TRIGUEIRO, 2008, p. 53)

E nesse meio operam as emissoras, como uma “caixa de ressonância comunitária”, segundo Magnoni (2012), onde os comportamentos coletivos, os valores de uma localidade estão presentes cada vez mais. O rádio como meio está entre os que mais dão acesso às realidades periféricas, distantes da cidade e que lutam para fazer enxergar sua situação. Quem ainda não encontrou na forma rápida do acesso aos computadores e a rede mundial de computadores como um meio para se tornar ativista, pode utilizar-se de uma ligação e expor

suas indignações durante três, quatro ou cinco minutos do rádio, um meio local, de fácil acesso e de visibilidade frente às elites dominantes.

Metodologia e Resultados

Para a caracterização das estratégias desses participantes enquanto ativistas midiáticos que utilizam dessa possibilidade de participação ao vivo nos programas de radiojornalismo de Guarapuava, foram coletadas quatro participações durante os dias 1, 2 e 3 de julho de 2014. A interação só foi considerada quando praticada ao vivo, por meio do próprio participante, onde partimos do princípio de que com o microfone aberto, esse participante poderia falar, reivindicar aquilo que necessita sem uma interferência clara de quem está no comando do programa ou edição antes de ir ao ar.

Os ouvintes em sua maioria adotaram a postura de não se identificar, de usar do anonimato para reclamar da ordem política vigente e pedir melhorias para o seu bairro, o local onde moram ou então a cidade com um todo. Ouvintes, que em sua maioria, se colocam como “cúmplices” do radialista, concordam em alguns aspectos e são até motivados a explicitar a indignação pelos alto falantes do rádio.

Os participantes aqui identificados como ativistas midiáticos ou comunicadores folk das rádios, enquanto

líderes de opinião que se apropriam deste espaço da mídia para fazer valer o discurso de uma minoria, terão suas estratégias discutidas em três considerações sobre cada participação: 1) Será necessário situar o programa e a linha editorial adotada em cada rádio, se ela faz parte de um grupo político, por exemplo, e como essa participação se torna favorável ao discurso propagado pelo meio; 2) A adoção de significados por parte dos participantes enquanto donas de casa, lideranças comunitárias e, até mesmo anonimamente (caso em que o ouvinte não se identifica, o que pode caracterizar um medo de represália já que falamos de uma cidade do interior do Paraná e com grupos políticos conservadores); 3) Aquilo que é dito pelo indivíduo e o que é colocado na sua participação (ressaltando que para o *paper* foram selecionadas participações que consideravam reivindicações coletivas, reclamações que envolvem grupos ou comunidades).

Com os três níveis de análise, o objetivo é chegar a uma caracterização das estratégias adotadas em vista de uma atuação efetiva na esfera pública, tornando-os, por essa mediação, receptores ativos. Em todos os casos, o radialista é o que convoca os ouvintes que ligam e colocam situações diversas. Durante o processo de coleta nos três dias, foram gravadas seis participações, destacando-se quatro para a análise. A Tabela 1 demonstra os assuntos abordados nas

participações, nas quais, as que envolvem temas coletivos foram escolhidas para a análise das estratégias das participações caracterizadas aqui como uma forma de ativismo midiático.

Participação 01, Dia 01 de Julho – Programa “A Cidade Fala”

Ouvinte não identificada - Bom Dia, eu falo daqui do Xarquinho, é seguinte, tenho meu filho que morava aqui no Xarquinho, uma casa boa, de pré-moldado, bem organizado e daí teve um alagamento, fazia 10 anos que ele morava ali e nunca alagou, ainda tinha água e luz na casa. Agora com esse alagamento, deram sete dias de prazo pra ele sair dali. Só que levaram ele para o 2000, tá lá, parece um sem ninguém, tão jogado lá aquela turma, sofrendo sem água e sem luz, com criança, passando sede e frio, tá uma tristeza lá.

Radialista Lobo – Eu fui lá e vi o que está acontecendo, eu imagino a sua tristeza, e o mais desesperador é que uma nascente de água que sai de um cemitério.

Ouvinte não identificada – Outra coisa, agora eles não têm condições de fazer a casa, porque o meu filho perdeu o emprego depois das chuvas, tá a maior tristeza, não sabemos o que fazer, não tem solução, e quando a vizinha ligou para a prefeitura cobrando uma solução, aí eles responderam que se invadissem outras casas do 2000 eles iam com a polícia retirar. Eu mando um recado para o prefeito de Guarapuava que ele tenha mais solidariedade, porque o povo não é bicho. [sic]

A Participação 01 foi ao ar no dia 1º de julho pela Rádio 92 FM no programa de radiojornalismo “A Cidade Fala” e durou 7 minutos e 47 segundos, tempo

Tabela 1 – Participações ao vivo nos programas de Radiojornalismo

DIA	PROGRAMA	OUVINTE	TEMA	TEMPO
01 de Julho	A Cidade Fala	Moradora Xarquinho (Anônima)	Alagamentos do mês de junho	7min47s
01 de Julho	A Cidade Fala	Homem Planalto (Anônimo)	Ouvinte denuncia secretaria de saúde falta de atendimento à cunhada	7min43s
01 de Julho	A Cidade Fala	Reinaldo (Ex-presidente associação de moradores Xarquinho)	Falta de atendimento na Promoção Social e Saúde	3min17s
01 de Julho	Lobo Notícias	Homem Concórdia (Anônimo)	Ouvinte reclama da falta de segurança no bairro	4min56s
02 de Julho	Combate	Ouvinte (Anônima)	Reclama da Falta de impunidade no caso Carli Filho	4min03s
03 de julho	A Cidade Fala	Rosângela (Participação via carta)	Reclama da situação de famílias em áreas de alagamento	4min53s

razoável que envolveu um diálogo entre a participante e o radialista Roberto Lobo. Tratou do caso em que envolve o atendimento da prefeitura às vítimas das enchentes do mês de junho em Guarapuava. A Rádio 92 FM é de posse do ex-prefeito Fernando Ribas Carli, que atualmente é politicamente de oposição ao então prefeito Cesar Silvestri Filho (PPS). A linha editorial adotada pelo programa é de crítica a gestão

municipal e de abertura às reclamações da população em geral quanto às ações desenvolvidas pela Prefeitura. Neste caso, a ouvinte preferiu não se identificar, se posicionando como mãe de um homem que perdeu o emprego e a casa por causa das fortes chuvas que caíram durante o mês de junho na cidade. Com os alagamentos, ela explica que os atingidos tiveram que sair de suas residências, sendo levado a um local distante, o qual cita de “2000” que se refere ao Residencial 2000, bairro da cidade de Guarapuava.

Ao defender o filho atingido, a mulher coloca a situação de outras pessoas que foram atingidas diretamente e que, sem condições financeiras para uma moradia digna, tiveram um atendimento dito precário por parte da Prefeitura. O objetivo então é de protesto e ao mesmo tempo de caráter reivindicatório, numa utilização clara do espaço do jornalismo como uma forma dar publicidade ao que está acontecendo com as famílias.

Participação 02, Dia 01 de Julho – Programa “A Cidade Fala”

Reinaldo do Xarquinho, ex-presidente Associação de Moradores – Eu fui presidente do bairro aqui, faz 30 anos que moro no Xarquinho e eu falei muitas vezes quando queria trocar, fazer mudança, ter outro prefeito, e agora quando vem cobrar de mim eu já falo pra eles, já que queriam, que pedalem, que sofram. Eu falo francamente que depois que entrou essa administração eu não

nem na prefeitura vou, nem na câmara e nem na assistência social. E olha que sempre que procurei a promoção social e a saúde fui bem atendido, o que era bem melhor do que está agora, a turma reclamam. [sic]

Essa segunda participação registrada no mesmo programa anteriormente citado, “A Cidade Fala”, da Rádio 92 FM, em que uma liderança de um dos bairros mais pobres de Guarapuava, o Xarquinho, se utiliza do espaço para demonstrar algumas indignações. Ao vivo, por telefone, Reinaldo, como se identifica, afirma ser ex-presidente da Associação de Moradores do bairro onde mora há 30 anos. Segundo ele, a mudança de prefeito teria sido prejudicial em áreas da saúde e da assistência social. As reclamações da “turma”, como ele identifica a comunidade onde está inserido, são postas como algo recorrente diante das ações ou falta delas no bairro. Reinaldo também utiliza a emissora como a mediação, onde coloca a situação de sua comunidade e atua como ativista quando expõe aquilo que conhece enquanto líder de opinião, onde convive e está situada a sua realidade.

Participação 03, dia 01 de julho – Programa “Lobo Notícias”

Jeroslau, morador do Condórdia – Opa Lobo, aqui tá com problema a coisa, o pessoal não “baixa” o volume do som, de noite é um monte de cachorro, barulheira de moto, grito, tiro que

acontece direto, a polícia devia fazer alguma coisa, vem aqui e só pega gente inocente e os que devem ninguém pega. Tá na hora da polícia fazer uma investigação geral e certa, porque a militar tem a obrigação de patrulhar, mas dificilmente vê ela pelas ruas, os moradores antigos, trabalhadores que sofrem com isso. E o pior, não tem vereador nenhum para ajudar nós. Eles vem na época de eleição e depois não voltam. [sic]

A terceira participação foi registrada no Programa “Lobo Notícias”, também ligada à emissora do ex-prefeito Fernando Ribas Carli, desta vez a Rádio Cacique AM 760. Da mesma forma, a linha editorial segue os princípios da oposição e de ataque aos adversários com críticas, apontando as falhas da administração municipal. A opção de abrir os telefones e garantir a participação da comunidade se torna uma estratégia do meio em ouvir aquilo que revolta ou deixa indignada a população, e por sua vez há a estratégia de quem usa esse espaço como forma de dar visibilidade à situação local. A opção de ligar ao rádio e expor os problemas que se vivem na periferia é mais um ponto na sociedade complexa e global em que vivemos, principalmente com a pobreza e a miséria, onde estão milhares de pessoas. Neste caso específico, Jeroslau, como é identificado o homem, afirma ser morador do Concórdia, bairro pobre e periférico de Guarapuava. Segundo ele, a Polícia Militar aparece raramente no local e utiliza da força contra inocentes, quando há desrespeito às leis

por parte de pessoas que atiram na comunidade, que ouvem o som alto e usam drogas.

Jeroslau é mais um líder de opinião, um comunicador folk que media a linguagem da comunicação com os seus pares na comunidade, e em cumplicidade com o radialista, o comunicador, expõe o que vive. A repressão da polícia militarizada e a ausência do poder público é uma realidade na periferia brasileira, não diferente do que é dito pelo participante do programa de rádio.

Participação 04, dia 02 de julho – Programa “Combate”

Ouvinte não identificada, de forma anônima – “Bom dia Celso, Bom dia Fleck, o assunto que eu queria abordar agora, uma coisa que Guarapuava está esperando, aquele caso do ex-deputado, o Fernando, que matou aqueles dois jovens e até hoje não foi julgado, eu queria que você falasse sobre isso, você que conhece sobre o assunto, se fosse o contrário, um pobre tivesse matado o deputado, será que não estaria na cadeia, não haviam respondido pelo crime? Era isso, até porque Guarapuava está esperando, queremos que a justiça seja feita”. [sic]

A participação de número 4 foi coletada do programa “Combate” que vai ao ar na Rádio Difusora AM 1250, também de posse de grupos políticos, atualmente, administrada pelo atual deputado estadual Artagão de Mattos Leão Júnior (PMDB). A participação, desta vez, entra a partir de uma ouvinte anônima dentro de uma entrevista sobre Segurança Pública. Nesta

temática, o presidente do Conselho de Segurança de Guarapuava, Valdenor Fleck é entrevistado pelo radialista Celso Pinheiro que responde a perguntas como a impunidade da justiça no Brasil. Por sua vez, a própria participante que prefere não ser identificada expõe sua opinião e media uma informação repassada pelos dois, quando cita o caso Carli Filho, onde o ex-deputado se envolveu em um acidente que teve dois mortos em Curitiba. A ouvinte chega a questionar: “se fosse o contrário, um pobre tivesse matado o deputado, será que não estaria na cadeia, não haviam respondido pelo crime?”, demonstrando sua opinião quanto ao fato e um possível tratamento diferenciado pela justiça no caso do deputado.

O fato de conhecer a história sobre o deputado e de reclamar da impunidade contra pessoas que possuem um alto poder aquisitivo é uma demonstração de que os setores populares se reconhecem na sociedade e que ao utilizarem o espaço da comunicação expõe essa opinião a seus pares não somente no local de abrangência de suas comunidades e seus bairros. Esse conhecimento local e sua operação midiática no contexto da mediação das informações, que por exemplo foram repassados sobre o caso Carli Filho e a impunidade, é um exemplo que o ativista midiático conhece a realidade e, mesmo anonimamente, manifesta seus posicionamentos enquanto líder de opinião.

Conclusão

A presença de uma participação aberta por telefone pode ser uma estratégia própria do meio de comunicação que possui e opera com interesses diferenciados. Mas em nossa perspectiva aqui abordada, o receptor, que pode se tornar um cúmplice do radialista ou do meio, mas também evidencia que não é passivo em receber mensagens. Esse receptor, dentro da sua subjetividade, da sua localização dentro do mapa da cidade e de sua posição social recebe essa informação e as decodifica de acordo com a sua realidade, formando uma outra, mediando essa comunicação.

As estratégias demonstradas aqui em utilizar o espaço ao vivo das rádios, em ligar para o meio e expor a realidade do bairro, da periferia ou da comunidade rural e conquistar a opinião na esfera pública é legítimo de um ativista midiático, que trabalha com o diálogo entre o local cultural e as mídias locais, regionais ou globais. A noção de resistência de utilização das redes sociais para mostrar a postura de movimentos sociais ou de grupos minoritários, se demonstra aqui ainda presente em um meio de comunicação de massa, onde o domínio do conhecimento do que está a sua volta em reclamar, reivindicar e pedir ajuda, se demonstra como uma dentre as tantas formas de expressão dos

líderes de opinião, de comunicadores folkmediáticos que buscam conquistar a esfera pública.

Nos quatro casos analisados, também se verifica o pertencimento a um grupo social, seja no primeiro que envolve os atingidos pelas chuvas que tiveram problemas no atendimento público, no segundo em que o líder de um bairro reclama da

situação da saúde pública e da assistência social; no terceiro, onde um morador da periferia expõe a situação da repressão policial e ausência do poder público no local onde vive, ou no quarto caso, onde uma ouvinte anônima reclama da impunidade em casos que envolvem pessoas com alto poder aquisitivo.

Referências

- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Folkcomunicação, variação dos estudos de cultura? In: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs.). *Metamorfose da folkcomunicação*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.
- BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação*. Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CERVI, Emerson. Líder de Opinião. In: GADINI, Sergio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. *Noções básicas de Folkcomunicação: Uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- GADINI, Sergio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. *Noções básicas de Folkcomunicação: Uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- MAGNONI, Antonio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira. Perspectivas e desafios para o rádio na era digital. *Revista Orbis*, ano 8, edição 21, 2012. Disponível em: <http://www.revistaorbis.org.ve/pdf/21/art6.pdf>
- MARQUES DE MELO, José. Ecos da rebeldia beltraniana: velhas e novas expressões da cultura popular demandam pesquisas de folkcomunicação. *Razón y Palabra*, v. 77A, p. 1-10, 2011. Disponível em: http://www.razonypalabra.org.mx/N/N77-1/01_DeMelo_M77-1.pdf. Acesso em: 8 de julho de 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad.: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.
- MELO, José Marques. *Introdução à folkcomunicação: gênese, paradigmas e tendências*. *Revista Signos*. Ano 25, n 1, p: 7-18. Lajeado: Univates, 2004.
- SCHMIDT, Cristina. *Teoria da Folkcomunicação*. In: GADINI, Sergio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. *Noções básicas de Folkcomunicação: Uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- TRIGUEIRO, Osvaldo. *Folkcomunicação e ativismo midiático*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.